



**A ESCOLHA DE PARCEIRO CONJUGAL COM BASE EM ESQUEMAS
COMPLEMENTARES**

Elizabeth de Abreu

Caxias do Sul, 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**A ESCOLHA DE PARCEIRO CONJUGAL COM BASE EM ESQUEMAS
COMPLEMENTARES**

Trabalho apresentado como requisito
para conclusão do Curso de Graduação
em Psicologia, sob orientação da
Profa. Dra. Raquel de Melo Boff.

Elizabeth de Abreu

Caxias do Sul, 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Diego e Patricia, por todo esforço empenhado ao longo destes 06 anos de graduação, seja ele financeiro ou através de palavras de apoio e carinho.

Agradeço ao meu namorado, Daniel, pela paciência e o incentivo para que eu pudesse executar este trabalho da melhor forma possível.

E, por fim, um agradecimento especial para minha orientadora, Raquel de Melo Boff, que me auxiliou nesta jornada, fornecendo materiais, ideias e conselhos, fazendo com que este estudo fosse concretizado.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	06
INTRODUÇÃO.....	08
OBJETIVOS.....	11
Objetivo geral.....	11
Objetivos específicos.....	11
REVISÃO DA LITERATURA.....	12
A terapia do esquema.....	12
Modos esquemáticos.....	19
A busca de parceiros com base nos esquemas.....	22
A terapia do esquema e o tratamento com casais.....	27
MÉTODO.....	30
Delineamento.....	30
Fonte.....	31
Instrumentos.....	31
Procedimentos.....	32
Referencial de Análise.....	32
RESULTADOS.....	34
DISCUSSÃO.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. As necessidades emocionais fundamentais	13
Tabela 02. Os domínios, as necessidades emocionais fundamentais e o desenvolvimento de EIDs.....	15
Tabela 03. Os modos esquemáticos	20
Tabela 04. Os comportamentos característicos baseados na ativação dos EIDs	24

RESUMO

Este estudo pretende compreender a relação entre os esquemas iniciais desadaptativos [EIDs] e a busca por parceiros conjugais. Os EIDs são considerados um dos constructos principais presentes na Terapia do Esquema [TE], formulada e desenvolvida por Jeffrey Young, a qual é uma das terapias pertencente aos modelos cognitivos-comportamentais, e é conhecida por integrar diversas correntes teóricas. Sabe-se que dentro dela, há alguns conceitos centrais, como as necessidades emocionais básicas, os modos esquemáticos e os EIDs, já mencionados anteriormente, sendo que estes últimos são resultantes do atendimento inadequado dessas necessidades na formação do indivíduo, aliados a aspectos de seu temperamento e de sua herança filogenética. Estes mesmos esquemas são ativados constantemente e estão presentes em nossas escolhas de parceiros conjugais, o que culmina em uma junção de esquemas do casal. Tal processo pode ocorrer de forma saudável e funcional ou de maneira patológica e desadaptativa, em função de que é na relação conjugal que há uma busca de atendimento, na atualidade, destas necessidades emocionais. Caso novamente estas não venham a ser atendidas, psicopatologias podem ser agravadas ou originadas, estando relacionadas sobretudo ao estresse, à ansiedade e até mesmo à depressão. Este estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa, utilizando como base o filme *Amizade Colorida*, com o objetivo principal de avaliar o impacto dos esquemas iniciais desadaptativos nas escolhas conjugais a partir de um artefato cultural, fundamentado na descrição da terapia do esquema e das relações conjugais - na perspectiva da formação de esquemas iniciais desadaptativos - e com a apresentação literatura atual sobre o impacto que os esquemas iniciais desadaptativos tem nas relações conjugais. Para isso, foi realizado um estudo de acordo com a análise de conteúdo de Bardin, com a visualização do artefato cultural *Amizade Colorida* e com o uso do emparelhamento entre os resultados encontrados e o que é proposto pela TE. As hipóteses para os resultados esperados é de que há esquemas complementares entre o casal protagonista, que mantém seus esquemas disfuncionais e desadaptativos. Tal hipótese foi confirmada ao final de trabalho, visto que os personagens Dylan e Jamie mantém o padrão relacional disfuncional que fora aprendido em sua infância, utilizando mecanismo de manutenção de seus EIDs, e buscando por parceiros que complementem tal funcionalidade.

Palavras-chave: Terapia do esquema; relações conjugais; formação de vínculos conjugais.

INTRODUÇÃO

A Terapia do Esquema [TE] surgiu com o psicólogo estadunidense Jeffrey E. Young e engloba elementos característicos das terapias cognitivo comportamentais com outros advindos da psicanálise, da *gestalt* e da teoria do apego. Integra a validação de sentimentos e a necessidade de mudança. Ademais, apresenta um período de duração relativamente menor do que em outras abordagens (Young, Klosko & Weishaar, 2008).

A TE destinou-se inicialmente ao tratamento dos aspectos caracterológicos dos transtornos e não aos sintomas psiquiátricos agudos, sendo uma das primeiras abordagens abrangentes e integradoras. Young (2003) apresenta alguns conceitos tendo-os como centrais a esse modelo terapêutico. Dentre eles estão às necessidades emocionais básicas e os esquemas iniciais. Após, os domínios e origens dos esquemas, seus processos e os modos esquemáticos. As necessidades emocionais básicas estão relacionadas com o temperamento e a herança filogenética do indivíduo, suas experiências continuadas e a influência de seus cuidadores. Estas podem originar esquemas iniciais desadaptativos [EIDs] ou adaptativos que geram sintomas e reforços. Sendo assim, o modo como os cuidadores primários atendem suas crianças pode prevenir o desenvolvimento dos transtornos de personalidade e evitar relações interpessoais disfuncionais mantidas por eles. É importante destacar que estes determinantes biológicos podem ser amplificados, recobertos ou minimizados a partir destas experiências. Desta forma, todas as crianças têm as mesmas necessidades emocionais básicas, mas em graus diferentes, de acordo com seu temperamento inato (Wainer, 2016).

As necessidades emocionais básicas englobam cinco períodos, denominados domínios esquemáticos, sendo que cada um destes possui uma demanda específica. Nestas estão contidas as tarefas evolutivas de aceitação e pertencimento, senso de autonomia e competência adequados, limites realistas, respeito aos desejos e aspirações e expressão emocional legítima. Caso elas sejam atendidas corretamente, serão desenvolvidos os esquemas saudáveis (Young et al., 2008; Arntz & Genderen, 2011).

A terapia do esquema torna-se especialmente relevante quando levamos em conta que um de seus principais conceitos, referente ao atendimento às cinco necessidades emocionais básicas, que perpassa desde o período da infância até o da adolescência, em seus momentos específicos, têm impacto significativo no desenvolvimento saudável ou patológico do indivíduo e no modo como este irá enfrentar e vivenciar as situações do cotidiano (Young et al., 2008).

A terapia do esquema fornece um entendimento atualizado da relação entre o sujeito e a realidade que o cerca e como este se relaciona com o mundo e seus pares. Agrega

objetividade, amplitude e profundidade, e, além disso, compreende uma grande variedade para as quais pode ser útil, sustentando que ela pode ser utilizada em conjunto com outras modalidades terapêuticas e tratamentos (Lopes, Leite e Prado, 2011).

O estudo e observação do tema proposto nesta pesquisa torna-se especialmente relevante em função de que proporciona uma melhor qualidade de vida aos sujeitos em suas relações interpessoais, pois como não podemos “apagar” os EIDs de nossa personalidade, precisamos aprender a lidar com eles. Deste modo, a partir da evolução do processo terapêutico com base na TE, os EIDs são ativados com menor frequência e há uma menor alteração do humor (Young et al., 2008).

Diversos autores confirmam e salientam a eficácia da utilização da Terapia do Esquema para diferentes quadros psicopatológicos, seja de forma individual ou conjunta (Lopes et al., 2011). Desta forma, graças ao seu objetivo principal - identificar, reconhecer, modificar e reestruturar os EIDs - a TE funciona de modo ativo e efetivo na promoção de uma maior qualidade de vida, já que ao compreender seus esquemas e seus modos esquemáticos frente às situações cotidianas, o indivíduo aprende a administrar suas respostas emocionais e comportamentais (Young et al., 2008; Gomes, 2015).

Além de proporcionar benefícios quando utilizada na modalidade individual, casais podem ser favorecidos com este modelo de tratamento. Estudos referentes ao impacto dos transtornos de personalidade na estruturação e na manutenção do vínculo conjugal vem demonstrando que há uma combinação entre as necessidades emocionais básicas atendidas ou não, os EIDs e os conflitos presentes nas relações conjugais (Paim, 2016).

Neste âmbito, sabe-se que os esquemas instigam nossa busca e demonstram como pensamos, sentimos e agimos nos próprios relacionamentos amorosos. Assim, há a formação da chamada “conjunção de esquemas precoces”, na qual há uma mescla dos esquemas presentes em cada um dos parceiros conjugais (Scribel, Sana & Benedetto, 2007).

As relações conjugais podem ser definidas como um “modelo adulto de intimidade, que condensa expectativas de satisfação de muitas necessidades antigas oriundas de relações primitivas e que armazenadas ao longo dos anos, renascem com a esperança de redenção na interação com o parceiro” (Scribel et al., 2007, p. 04). A forma com que os parceiros se relacionam, por sua vez, impacta diretamente em sua saúde mental, uma vez que relações insatisfatórias se associam ao desenvolvimento de psicopatologias (Scribel et al., 2007). Assim, há pesquisas e estudos que indicam que caso as relações conjugais sejam satisfatórias e com o mínimo grau necessário de conflitos, os EIDs dos indivíduos podem ser parcialmente curados (Paim, 2016).

Neste sentido, a terapia do esquema aplicada nas relações conjugais, fornece novas estratégias efetivas para aliviar a aflição e os conflitos sobre o conhecimento da necessidade emocional do outro e sobre o que é possível fazer para atendê-la na atualidade (Falcone, 2014). Contudo, para que um processo terapêutico com base na TE seja efetivo com casais, é importante identificar junto aos parceiros conjugais como se deu seu processo de escolha pelo par (Wainer, 2016).

Um aspecto relevante quando se analisa casais sob a ótica da terapia do esquema são as escolhas de parceiros. De acordo com tal modalidade terapêutica, o sujeito faz escolhas com base nos modelos de relações vivenciadas na infância, e os esquemas desenvolvidos como consequências delas, mesmo que estas tenham ocorrido de maneira disfuncional. Tal escolha é justificada em razão de que o indivíduo sabe como enfrentar este padrão relacional e lidar com as situações conflituosas que este envolve. Assim, é importante observar quais destes esquemas implicam neste processo e como estes impactam no desenvolvimento de uma relação conjugal salutar ou patológica, para que, deste modo, estas escolhas possam ser feitas de maneira mais assertiva, e proporcionem uma evolução e um aprimoramento dos aspectos da personalidade dos parceiros conjugais (Roediger & Stevens, 2016).

Então, o foco maior da TE com casais é a mudança de caráter e a quebra de ciclos repetitivos dentro do casal, ao invés de somente treinar algumas habilidades, comunicações ou até mesmo fatos que se referem à resolução de problemas dos indivíduos. Desta forma, o terapeuta irá possibilitar a cada membro do casal a percepção das necessidades presentes no outro e, assim, serão trabalhados os modos disfuncionais destes casais, sejam eles o modo infantil ou de enfrentamento desadaptativo, visando alcançar o modo adulto saudável, que ajudará a regular as emoções ativadas pelos esquemas no relacionamento (Wainer, 2016).

Desta forma, o objetivo deste estudo foi avaliar como se dá o processo de escolha dos parceiros conjugais com base nos esquemas. Para tanto, inicialmente será apresentado uma seção teórica que descreverá os principais conceitos que serão abordados neste trabalho de conclusão de curso. Por fim, uma análise de artefato será apresentada como método para responder aos objetivos do estudo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Avaliar o impacto dos esquemas iniciais desadaptativos [EIDs] nas escolhas conjugais a partir do artefato cultural *Amizade Colorida*.

Objetivos Específicos

- Descrever a terapia do esquema;
- Discorrer sobre relações conjugais a partir da perspectiva da formação de esquemas iniciais desadaptativos;
- Apresentar literatura atual sobre o impacto que os esquemas iniciais desadaptativos [EIDs] tem nas relações conjugais;
- Realizar a análise do impacto dos esquemas iniciais desadaptativos [EIDs] sobre a escolha conjugal retratada em um artefato cultural.

REVISÃO DA LITERATURA

A terapia do esquema

A terapia do esquema teve seu surgimento calcado nas práticas cognitivo-comportamentais e nas experiências clínicas de Jeffrey Young, que percebeu a necessidade de amplificar a visão de tratamento de questões relacionadas a padrões de comportamento de longa data e problemas emocionais. A linha integra um recente grupo dentro das terapias cognitivo-comportamentais que se dedicam prioritariamente para o entendimento biológico e relacional do desenvolvimento de problemas caracterológicos crônicos (Young et al., 2008; Martin & Young, 2010).

Dentre os principais conceitos da terapia do esquema, Young (2003) propõe que estejam seis construtos teóricos. Estes são

- a) os esquemas iniciais desadaptativos;
- b) os domínios de um esquema;
- c) a manutenção de um esquema;
- d) a evitação de um esquema;
- e) a compensação de um esquema;
- f) os modos esquemáticos.

Os esquemas correspondem a forma como o sujeito irá responder a situações e comportar-se no tempo e no espaço, vivenciando suas experiências de maneira significativa. Contudo, eles não precisam, necessariamente, manterem-se ativos durante todo o tempo, podendo apresentar-se de modo inativo por curtos ou longos períodos, mas sempre estarão presentes no modo com interpretamos as situações do cotidiano. São considerados como traços de nossa personalidade e conceituados também como um constructo pessoal, que determina o modo como o indivíduo percebe a si e ao outro. Estes esquemas são originados a partir das experiências pessoais relacionadas com o atendimento das necessidades emocionais fundamentais, e do modo com que estas são acolhidas (Young, 2003; Leahy, 2006; Young et al., 2008).

Estas necessidades são também chamadas de tarefas desenvolvimentais primárias, que podem ser exemplificadas através da Tabela 01:

Tabela 01

As necessidades emocionais fundamentais

Necessidades Fundamentais	Descrição
Aceitação e Pertencimento	sentimento de conexão, de intimidade e de integração com a família e seus pares, com a exigência de ser aceito e amado pelos mesmos, em um ambiente seguro para seu desenvolvimento.
Senso de Autonomia e Competência adequados	capacidade de ter um funcionamento independente dos familiares, não perdendo, contudo, o apoio destes, desempenhando as funções escolares e, futuramente, as atividades laborais de modo apropriado.
Estabelecimento de Limites Realistas	competência para controlar-se e atender as normas impostas pelos demais e pela sociedade.
Respeitar os próprios desejos e aspirações	capacidade de aprender a demonstrar as emoções.
Expressão emocional legítima	tratar com espontaneidade situações do cotidiano e seu modo de ser.

Fonte: Elaborado pela autora
(baseado em Young, 2003; Young et al., 2008).

A necessidade de aceitação e reconhecimento foi fundamentada nos princípios propostos por John Bowlby (1979) na teoria do apego, visto que utiliza como base que para um desenvolvimento adequado da personalidade do sujeito, é preciso que este tenha estabelecido um vínculo saudável de apego com seus cuidadores. Essas formas de apego irão acompanhá-lo ao longo de sua vida. Elas são divididas em quatro categorias, sendo a primeira delas o apego seguro, o tipo mais adequado, visto que a criança precisa da presença de sua figura de referência, mas que consegue distanciar-se do mesmo e explorar o ambiente,

mesmo que em um curto período de tempo. A segunda categoria é o apego ansioso ou ambivalente, no qual a criança fica extremamente mobilizada na ausência de seu cuidador, vendo o distanciamento deste como uma ameaça. A terceira categoria refere-se ao apego inseguro evitativo, no qual a criança desconsidera o distanciamento do cuidador, podendo substituí-lo por um estranho, sendo característico de indivíduos com esquemas em domínio de desconexão e rejeição. Por fim, há o apego desorganizado, que ocorre principalmente nas situações de maus-tratos, no qual a criança recebe informações dúbias, visto que o cuidador é sua referência de apego e ao mesmo tempo comete delitos contra si, fazendo com que a mesma passe a desconfiar dos relacionamentos que tem com os demais (Wainer, 2016).

Vale destacar que estas tarefas estão intimamente relacionadas com as características biológicas e com o temperamento do indivíduo, que possuem impacto no desenvolvimento de alguns destes esquemas e as diferenças nos temperamentos, que fazem com que as crianças reajam diferentemente a circunstâncias de vida semelhantes. É a interação entre temperamento e eventos precoces da vida que produz diferentes estilos de enfrentamento (Young, 2003; Martin & Young, 2010).

No que tange as contribuições da terapia do esquema para com o desenvolvimento da personalidade do indivíduo tem-se que, seja ela salutar ou patológica, o papel do temperamento inato é de extrema importância. A formação da personalidade ocorre de maneira genuína e autêntica, embasada na genética do indivíduo. Ou seja, com base nas heranças genéticas o temperamento é desenvolvido, e juntamente com o ambiente em que o sujeito está inserido, são originados os aspectos comportamentais, emocionais, cognitivos e motivacionais de cada sujeito (Wainer, 2016).

O temperamento, para estudiosos da TE, é considerado como um determinante biológico da personalidade, que não poderá ser totalmente transformado através da interação e das influências do ambiente em que o sujeito está inserido. É tido como uma tendência genética que pode ou não ser amplificada, reduzida, encoberta ou expressa tal como é, mas que nunca será extinto. Além disso, é o temperamento que determinará a quantidade que o sujeito carece de suas necessidades emocionais fundamentais para cada uma de suas fases de desenvolvimento (Young et al., 2008).

Desta forma, a família ou os cuidadores primários do infante desempenham um papel primordial na formação de sua personalidade, já que as primeiras experiências são vivenciadas com os pais, com os irmãos (caso tenha), com os parentes, com os amigos mais próximos e, no início da vida escolar, com os professores. Contudo, é necessário frisar que a tarefa destes indivíduos é extremamente exigente, visto que para cada momento do

desenvolvimento da criança, é necessário que uma necessidade diferente seja atendida de forma integral e adequada (Young et al., 2008; Wainer, 2016).

Outro importante conceito para a TE refere-se aos esquemas iniciais desadaptativos [EIDs], também chamados de esquemas desadaptativos remotos, que são concebidos por Young (2003) como as estruturas mais profundas da cognição. Relacionam-se com conteúdos estáveis e duradouros, elaborados desde o período da infância, como visto anteriormente. Mesmo assim, ao longo da vida eles vão sendo perpetuados ou modificados, e, caso permaneçam disfuncionais, tem um grande impacto negativo na vida do sujeito. Eles são utilizados para enfrentar situações posteriores (Young et al., 2008).

Os EIDs apresentam algumas características relevantes, sendo considerados como “crenças e sentimentos incondicionais sobre si mesmo em relação ao ambiente” (Young, 2003, p.16). São julgados como verdades incontestáveis, tornando-se incondicionais e rígidos e, por excelência, são resultados das origens biológicas aliado ao não atendimento, ou de forma parcial ou inadequada, das necessidades emocionais fundamentais quando criança. São esquemas inconscientes, visto que são desenvolvidos em um nível emocional e apresentam uma elevada dificuldade de mudança, visto que estão inseridos no centro da personalidade do sujeito, constituindo-a. Graças a isso, durante o processo terapêutico, alguns indivíduos demonstram resistência em modificar seus EIDS, procurando invalidar as intervenções para manter os esquemas.

São os EIDs que estão na origem das respostas emocionais e comportamentais disfuncionais e para que eles sejam ativados, é necessário a ocorrência de uma situação desencadeante de efeito relevante, estando intimamente ligada ao afeto (Young, 2003).

Os EIDS são identificados através dos sintomas atuais e da compreensão da origem destes e dos padrões cognitivos do sujeito e estão reunidos em cinco domínios, em concordância com as cinco necessidades não atendidas das crianças (Young, 2003).

Conceitualmente, domínios são períodos entre a infância e a adolescência, nos quais algumas exigências psíquicas precisam ser atingidas, seja pelos cuidadores do indivíduo ou pelo ambiente em que está inserido, visando o desenvolvimento e a promoção de esquemas mentais saudáveis (Young et al., 2008). Estes estão descritos na Tabela 02:

Tabela 02

Os domínios, as necessidades emocionais fundamentais e o desenvolvimento de EIDs

Domínios	Descrição	EIDs desenvolvidos
----------	-----------	--------------------

1º) Desconexão e Rejeição	faz referência a indivíduos que têm dificuldades em estabelecer vínculos seguros e adequados com seus pares, visto que acreditam que suas necessidades não serão contempladas.	-Abandono/instabilidade; -Desconfiança/abuso; -Privação emocional; -Defectividade/vergonha; -Isolamento social/alienação.
2º) Autonomia e Desempenho Prejudicados	refere-se a dificuldade em se diferenciar de seus cuidadores primários e adquirir sua independência.	-Dependência/incompetência; -Vulnerabilidade/incompetência; -Emaranhamento/self subdesenvolvido; -Fracasso.
3º) Limites Prejudicados	relaciona-se à dificuldade em estar atento às necessidades dos demais, centrando-se em si mesmo, tornando-se egoísta, irresponsável e, por vezes, narcisistas.	-Merecimento/grandiosidade; -Autocontrole / autodisciplina insuficientes.
4º) Orientação para o Outro	o sujeito direciona-se muito para o outro e acaba por esquecer-se de si e de suas necessidades.	-Subjugação; -Autossacrifício; -Busca de aprovação ou reconhecimento.
5º) Supervigilância e Inibição	está relacionado com a anulação da espontaneidade do seu jeito de ser, dando lugar à exigência para que cumpra regras específicas.	-Negativismo/pessimismo; -Inibição emocional; -Padrões inflexíveis / crítica exagerada; -Caráter punitivo.

Fonte: Elaborada pela autora (baseada em Young, Klosko e Weishaar, 2008).

Normalmente, os EIDs desenvolvidos no primeiro domínio estão relacionados às famílias de origem que apresentam características de vivências de relações instáveis, com presença de abusos de diferentes ordens, sem uma proximidade emocional, tratando seus filhos com frieza e/ou rejeição. Este é o domínio no qual os pacientes costumam apresentar maiores danos, visto que, em função do modo com que aprenderam a se relacionar, vivenciam experiências autodestrutivas ou buscam isolar-se de relacionamentos íntimos (Young, 2003; Young et al., 2008).

Já em relação aos EIDs do segundo domínio, percebe-se a presença de famílias típicas que costumam atender a todas as necessidades e vontades do indivíduo demasiadamente, superprotegendo-o, ou, em um número significativamente menor, não prestam a devida assistência a ele (Young, 2003).

O traço marcante nas famílias nucleares dos EIDs do terceiro domínio é uma permissividade ou indulgência exacerbada. Já no quarto domínio, a característica central nas famílias de origem refere-se à falta de liberdade para seguir seus próprios desejos (Young et al., 2008).

Os EIDs desenvolvidos no quinto e último domínio, normalmente referem-se à presença de excessiva severidade, repressão e rigidez por parte de seus cuidadores, sendo que os mesmos passam a ver as situações de sua vida de modo negativo e triste, em função das características listadas anteriormente (Young et al., 2008).

Em suma, os esquemas iniciais, sejam eles adaptativos ou desadaptativos, são constituídos a partir do temperamento e da herança filogenética do indivíduo, do modo com que suas necessidades emocionais fundamentais foram atendidas, de sua exposição a experiências continuadas, sejam elas traumáticas ou positivas, e da influência de seus cuidadores (Young, 2003).

Os esquemas iniciais desadaptativos são conservados a partir de um mecanismo denominado de processos esquemáticos. Estes foram desenvolvidos a partir da melhor solução encontrada para sanar a situação desorganizadora vivenciada na infância, visando à adaptação do sujeito ao seu ambiente. Sendo assim, percebe-se que nosso cérebro utiliza o que conceituamos como economia psíquica, ou seja, lança mão de estratégias que funcionaram na infância para enfrentar situações ansiogênicas e desorganizantes na vida adulta. Porém, na maioria das vezes, não se obtém sucesso na nova fase, pois o ambiente relacional em que está inserido está modificado (Wainer, 2016).

Ressalta-se que todos os mecanismos utilizados para enfrentar os esquemas ocorrem de forma inconsciente. Um destes processos é denominado como manutenção ou resignação.

Como os EIDs são centrais para a organização da personalidade, o sujeito busca, através deste mecanismo, reforça-los e isso pode ocorrer de duas maneiras distintas: pelas distorções cognitivas e/ou pelos padrões de vida autoderrotistas. É essa característica do esquema que explica a rigidez dos transtornos de personalidade (Arntz & Jacob, 2013). Nas distorções cognitivas, conceito que se originou no cognitivismo, o sujeito tem uma percepção equivocada das situações, dando ênfase ou suprimindo as informações, visando sempre confirmar seu esquema, sendo um processo que ocorre na esfera cognitiva. São exemplos de distorções a catastrofização, a desqualificação do positivo, a emocionalização e o uso de filtro mental. Nos padrões de vida autoderrotistas, o indivíduo recorre a situações ou relacionamentos, de forma inconsciente, que deem continuidade e reforcem esse EID, sendo um processo de ordem comportamental. Um exemplo comum é a escolha de um parceiro crítico e exigente, quando a pessoa possui um forte esquema de defectividade ou vergonha (Young, 2003).

Outro processo esquemático que ocorre com os EIDs é a evitação. Ele é ativado visando minimizar a mobilização de elevados níveis de afeto, que normalmente ocorrem de maneira negativa. Com ele o sujeito evita situações, informações e/ou pessoas, através de processos cognitivos, afetivos ou comportamentais. Isso possibilita que o indivíduo não se depare com as consequências negativas desencadeadas pela ativação de seu EID (Martin & Young, 2010).

Ainda podemos citar como um estilo de enfrentamento a um esquema inicial desadaptativo, o mecanismo de compensação. Ele é caracterizado por apresentar “comportamentos e cognições diametralmente opostos ao que seria esperado para o esquema” (Wainer & Rijo, 2016, p. 52), os quais são utilizados para compensá-lo. Pode ser empregado de forma funcional, visando o atendimento de necessidades que não foram contempladas anteriormente, contudo, na maioria dos casos, ocorre uma hipercompensação, adquirindo um caráter negativo de seu uso.

Os EIDs podem ser identificados por meio de diversas técnicas. Uma das principais consiste no Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3), desenvolvido pelo criador da TE. Foi produzido em duas formas, sendo a primeira, denominada de forma longa, apresentando 205 perguntas a serem respondidas e a segunda, reduzida, contando com 75 perguntas. Todavia, ambas apresentam a mesma função, que se concentra na descoberta dos principais esquemas presentes na personalidade daquele indivíduo. Outra técnica é chamada de “Flecha Descendente”, que através de questionamentos visa-se chegar ao esquema nuclear do sujeito, ou através da técnica de observação de consistência na forma como o indivíduo vê a si e aos outros (Young, 2003).

Após a apresentação de alguns dos principais conceitos da TE, é importante salientar que a chance de que o sujeito venha a desenvolver um transtorno de personalidade está intimamente ligada à exposição ao estresse precoce na infância, seja qual a forma assumida por ele, ou a deficiência no atendimento a suas necessidades básicas. As principais formas de estresse na infância são a ocorrência de abusos, sejam eles físicos, sexuais ou emocionais e a negligência física e emocional. Estes diferentes modos de maus-tratos acabam por maximizar os riscos de desenvolvimento de comportamentos de agressão e/ou impulsividade, ou de depressão e ansiedade (Young et al., 2008; Wainer, 2016).

Há ainda o conceito de modos esquemáticos para ser explorado, que foi desenvolvido a partir de estudos com pessoas diagnosticadas com transtorno de personalidade *borderline*. Devido à instabilidade dos traços – esquemas – e da labilidade emocional presente nestes indivíduos, optou-se por categorizar os diferentes modos de enfrentamento, como modelos de estado (Young et al., 2008).

Modos esquemáticos

Como um último conceito principal da TE, temos os modos esquemáticos, também chamados de modos dos esquemas. Estes são um conjunto de esquemas e de suas respostas de enfrentamento, que são utilizados quando um número elevado de esquemas é ativado e o sujeito torna-se resistente (Young et al., 2008).

O conceito de modo esquemático é definido como uma junção entre esquemas iniciais desadaptativos e de processos esquemáticos, que demonstram um modelo particular e específico de como um sujeito funciona, sendo ativados, principalmente, quando há a ocorrência de situações que envolvam elevado grau de afeto (denominadas situações de ativação emocional). Este modo compreende desde sentimentos e pensamentos, até as maneiras (saúdável ou patológica) como que ele irá lidar com o cenário de seu cotidiano (Roedger & Stevens, 2016).

Os modos são os estados emocionais predominantes em um momento específico. Estes são utilizados de forma desadaptativa quando necessidades primordiais não cumpridas ativam e acionam os esquemas disfuncionais. Assim, funcionam como tentativas de evitar ou lidar com as frustrações do não preenchimento das necessidades emocionais fundamentais (Wainer, 2016).

Eles estão divididos em quatro categorias, totalizando 10 modos de esquemas, como demonstra a Tabela 03:

Tabela 03:

Os modos esquemáticos

Categoria	Modos e descrição
Modos Criança	1) <u>Criança vulnerável</u>: sentimentos como tristeza e medo são vivenciados em situações ansiogênicas, estando associada a EIDs de abandono, defectividade, desconfiança/abuso, privação emocional, entre outros. 2) <u>Criança zangada</u>: o principal sentimento envolvido é a raiva frente ao não atendimento às suas necessidades emocionais, no qual o sujeito nutre uma vontade de que algo que lhe foi prometido seja cumprido, estando relacionado também a EIDs de abandono, desconfiança/abuso e privação emocional, além de subjugação. 3) <u>Criança impulsiva/indisciplinada</u>: os EIDs relacionados são os do terceiro domínio, sendo eles arrogo e autocontrole insuficientes, contendo indivíduos que não se adequam aos limites propostos, agindo conforme sua vontade, e, na maioria das situações, de forma impulsiva. 4) <u>Criança feliz</u>: objetivo a ser alcançado para manejar as situações com sentimentos positivos, não apresentando nenhum EID associado, visto que há vínculos sólidos e bem construídos de amor e conexão.
Modos Pais Desadaptativos Internalizados	1) <u>Pai/mãe punitivo-crítico</u>: há restrição, críticas ou punições como principais características, estando ligados a EIDs de subjugação, postura punitiva, defectividade ou desconfiança/abuso. 2) <u>Pai/mãe exigente</u>: há uma constante demanda de expectativas elevadas sobre si e sobre os outros, relacionando-se com EIDs de padrões inflexíveis e de auto sacrifício; em razão desta auto cobrança, sabe-se que há um elevado índice de suicídio de sujeitos que estejam funcionando constantemente neste modo.

Modos de Enfrentamento Desadaptativos	1) <u>Capitulador complacente</u>: tem como objetivo esquivar-se de situações que remetam a maus-tratos, onde há adesão a enfrentamentos calcados em obediência e dependência. 2) <u>Protetor desligado</u>: adotado para fugir de sentimentos negativos, passando a retrair-se emocionalmente, o que pode gerar sentimentos de desconexão, isolamento ou ainda um funcionamento robótico. 3) <u>Hipercompensador</u>: ocorre da mesma forma do que mecanismo de compensação explicado anteriormente, que ocorre de forma negativa (vide página 18).
Modo Adulto	1) <u>Adulto Saudável</u>: busca suprir suas necessidades, através do reconhecimento de suas necessidades e/ou vulnerabilidades, levando em conta seu contexto social, e compreendendo que, caso necessário, pode vir a adiar sua gratificação. Não ocorre a ativação de EIDs, sendo este o modo mais desejável a ser atingido. Nos tratamentos efetivados por psicólogos baseados na TE, o terapeuta deve assumir um papel reparentalizador e desempenhar estas funções, para que o paciente possa ser remodelado.

Fonte: Elaborado pela autora (baseado em Wainer & Rijo, 2016; Wainer, 2016).

Acerca do primeiro grupo, é válido destacar que para diminuir a ativação do modo criança zangada, é necessário identificar o modo criança vulnerável. Outro fato merecedor de destaque é de que quanto mais grave é o transtorno da personalidade, mais vezes os modos de enfrentamento desadaptativos serão acionados (Young et al., 2008).

Através do tratamento, o terapeuta tem como finalidade ativar o modo criança vulnerável para que observe as necessidades que não foram atendidas e possibilite o acolhimento destas em ambiente terapêutico (Wainer & Rijo, 2016).

A contribuição dos modos esquemáticos para a compreensão da dinâmica do casal é efetivada no entendimento consciente e emocional dos processos esquemáticos e dos EIDs presentes na relação conjugal, para que assim, seja possível identificar, explorar e expor as vulnerabilidades e necessidades presentes em cada parceiro, para que estes possam desenvolver estratégias adequadas para propor uma reparentalização assertiva. Assim,

acessando o modo criança vulnerável, os parceiros podem realizar essa identificação e atuar no modo adulto saudável, sendo um agente reparentalizador de tal necessidade ou vulnerabilidade (Paim, 2016).

Baseado nos conceitos expressos até o presente o momento, torna-se válido atentarmos para o processo de busca e escolha de parceiros conjugais baseado nos modos esquemáticos e nos esquemas iniciais desadaptativos de cada uma das partes do casal.

A busca de parceiros com base nos esquemas

Baseado na definição de diversos dicionários, o termo casal pode ser definido como a manutenção de um relacionamento íntimo e/ou amoroso entre duas pessoas (cônjuges), sejam estas do mesmo sexo, nas chamadas relações homossexuais, ou entre pessoas de sexos diferentes, consideradas relações heterossexuais. O casal é considerado um dos diversos subsistemas presente no sistema familiar, sendo fortemente influenciado pelas relações construídas durante a infância com a família de origem, visto que este passa a ser o modelo o qual os indivíduos passam a considerar como corretos ou adequados, tendendo a repetir tais padrões (Sattler, Eschiletti, Bem & Schaefer, 1999). O sistema familiar nada mais é do que um padrão de funcionamento baseado em crenças, valores, mitos e expectativas, compartilhados por uma rede de pessoas (Carter & McGoldrick, 1995).

A união constituída com base nos sentimentos é uma concepção moderna, na qual há uma busca majoritariamente inconsciente por um parceiro conjugal, calcada nas necessidades não atendidas na infância. Esse fenômeno inconsciente ocorre tanto na busca pelos parceiros conjugais como na estruturação e manutenção dos vínculos que são construídos nos relacionamentos (Scribel et al., 2007). Como visto anteriormente, um esquema é uma estrutura da personalidade, que exerce a função de modelar as respostas de acordo com o que o sujeito acredita e percebe acerca de si mesmo, do outro e do mundo (Young, 2003). Dessa forma, ele se torna um importante aspecto a ser analisado nas dinâmicas relacionais, visto que grande parte de nossas necessidades não atendidas na infância, que originam os EIDs, repetem-se na relação (Stevens & Roediger, 2016).

Os sentimentos de amor e paixão presentes no vínculo conjugal são responsáveis pela criação de expectativas irreais acerca do parceiro, o que pode resultar em uma disfuncionalidade conjugal (Stevens & Roediger, 2016). Ao formar um casal, os parceiros carregam consigo suas crenças e seus esquemas formados em consonância com suas famílias de origem. Gomes (2015) é consistente ao afirmar que as relações conjugais são as que mais se assemelham as relações entre pais e filhos, e, por isso, há essa busca constante pela

manutenção do que já é conhecido, mesmo que isso carregue consigo formas de funcionamento desadaptativas (Scribel et al., 2007; Paim, Madalena & Falcke, 2012).

O processo de escolha do parceiro conjugal não é um resultado que se dá ao acaso. Este ocorre baseado nas necessidades e demandas que não foram atendidas de maneira satisfatória, estejam elas em níveis conscientes ou não, visando a validação dos esquemas iniciais do indivíduo (os quais estruturam a personalidade). Scribel et al. (2007) destacam que esta escolha “se dará a partir do entrelaçamento dos esquemas mentais do par conjugal, originando demandas específicas que se traduzem na relação sob a forma de expectativas mútuas (p. 05)”. O processo ainda conta com um caráter de manutenção ou de alteração de conflitos presentes na infância ou adolescência do sujeito, através da revivência de situações confrontantes. Assim, a escolha do parceiro conjugal ocorre através da projeção dos sentimentos, comportamentos ou pensamentos daquilo que o sujeito está em busca (Carter & McGoldrick, 1995).

Então, percebe-se que há uma influência das experiências infantis para a busca do parceiro conjugal, que, se não forem tratadas e solucionadas, tendem a repetir padrões relacionais de suas famílias de origem. Este processo é chamado de homeostase familiar, visto que o indivíduo busca manter seus padrões relacionais por estes serem um terreno conhecido, no qual saberá resolver conflitos e fatos inesperados (Carter & McGoldrick, 1995). Tal processo ocorre da mesma maneira em casais homossexuais e heterossexuais. Desta maneira, pode-se afirmar que a terapia com base em esquemas é efetiva para todos os tipos de relações conjugais. A principal diferença encontrada na escolha do parceiro conjugal e na estruturação do vínculo amoroso entre estes dois tipos de casais é que em relacionamentos entre pessoas de diferentes sexos há um enaltecimento das características de fidelidade, de integridade, carinho e paixão. Tal fato pode ser igualmente percebido em relações homossexuais entre mulheres, enquanto em relacionamentos homossexuais entre homens há uma busca calcada pela atração física e pela capacidade erótica de seu par (Féres-Carneiro, 1997).

Essa união entre duas pessoas é composta por algumas fases, que compreende desde o primeiro contato até a confirmação da relação, a qual, universalmente, é concebida como o casamento. Após conhecer outra pessoa e se interessar por ela, seja em razão de sua aparência física ou seus comportamentos, ocorre a fase de apaixonamento, onde um dos parceiros precisará admitir que está envolvido emocionalmente com o outro e assim, terá que demonstrar seus sentimentos. Caso essa fase aconteça reciprocamente, ocorrerá a expectativa de que se forme uma unidade, o casal, momento em que o atendimento das

necessidades que não foram contempladas pelos cuidadores primários será uma das principais demandas que emergem do relacionamento (Sattler et al., 1999).

É consenso entre os estudiosos de família e casais que o ritual do casamento é primordial para que haja a individuação propriamente dita entre as famílias de origem e os casais. Assim, os parceiros poderão firmar seus próprios acordos sobre como devem lidar com suas famílias, com seus anseios e passar a ter verdadeiramente uma vida a dois (Sattler et al., 1999). Isso posto, é válido salientar que o casamento pode ser materializado através de rituais religiosos, ou de contratos registrados (casamento civil e união estável) ou simplesmente por um pacto construído entre o casal. Porém, é importante que mesmo após este cerimonial de junção entre duas pessoas, que os parceiros conjugais não percam sua individualidade, seus interesses ou mudem sua personalidade em função do outro, para os quais deve ser desenvolvido um equilíbrio que contemple estabilidade e flexibilidade, com base em preceitos claros e objetivos, mas que não sejam considerados imutáveis. Para isso, é importante que haja uma complementaridade entre os parceiros e um espaço reservado para que ambos possam expressar suas emoções e comunicar-se de forma clara e polida (Carter & McGoldrick, 1995).

A vida matrimonial deveria fornecer um vínculo seguro e uma base estável aos parceiros, funcionando através de uma proteção contra danos e abusos, seja no relacionamento entre o casal ou nas relações em geral dos indivíduos, fornecendo amor, cuidado e atenção. Para isso, é indispensável que haja aceitação e reconhecimento de cada um dos parceiros, com uma postura empática, para que ambos possam validar seus sentimentos e necessidades, o que funciona como uma reparentalização limitada entre os cônjuges (Wainer, 2016). O aspecto cultural concedido às relações amorosas também impacta diretamente nas expectativas criadas em relação aos parceiros conjugais, visto que é posto nos relacionamentos conjugais o poder de atender as necessidades fundamentais de seu parceiro, mesmo que este não seja seu papel principal. (Scribel et al., 2007).

Os relacionamentos conjugais carregam consigo tanto um caráter saudável e adaptativo, quando ocorre um crescimento pessoal e do casal, ou um caráter negativo e desadaptativo, onde podem surgir psicopatologias relacionadas ao empobrecimento pessoal, com sintomas depressivos e ansiosos e pensamentos distorcidos, originando um clima desagradável, de insatisfação, culminando em conflitos constantes (Scribel et al., 2007). Há alguns comportamentos específicos que podem denunciar a existência de esquemas iniciais desadaptativos na busca e na manutenção dos vínculos conjugais. Os principais deles podem ser observados de acordo com o conteúdo da Tabela 04.

Tabela 04:

Os comportamentos característicos baseados na ativação dos EIDs

Comportamento Característico	Esquema Inicial Adaptativo Envolvido
- Escolher parceiros não confiáveis e não persistentes no relacionamento; - Distanciar-se de relacionamentos íntimos por medo de ser abandonado; - Fixar-se ou sufocar o parceiro.	Abandono / Instabilidade
- Escolher parceiros abusivos e permitir os abusos; - Não confiar e acreditar no parceiro; - Não se entregar emocionalmente; - Utilizar e abusar do parceiro, em razão do medo de ser abusado.	Desconfiança / Abuso
- Escolher parceiros inaptos para satisfazer suas necessidades emocionais; - Evitar relacionamentos completos e duradouros; - Se colocar em uma posição extremamente exigente no quesito emocional, restringindo a vida relacional do parceiro.	Privação Emocional
- Escolher parceiros críticos ou desqualificados; - Evitar a expressão autêntica dos pensamentos ou sentimentos; - Sentir-se perfeito e, com isso, adquirir o hábito de criticar o parceiro.	Defectividade / Vergonha
- Fornecer um papel de destaque para as diferenças em relação às similaridades do parceiro; - Evitar a aproximação emocional;	Isolamento social / Alienação

- Ajustar-se incondicionalmente ao parceiro, adquirindo uma postura camaleônica.

- Depender da aprovação do parceiro para qualquer decisão que precise tomar; Dependência / Incompetência

- Evitar situações que precise assumir uma postura decisiva na relação;

- Decidir situações da vida do parceiro sem questioná-lo.

- Ter receio de que haja conflitos na relação; Vulnerabilidade

- Evitar assuntos controversos com o parceiro;

- Crer que sua relação seja indestrutível.

- Evitar assumir seu papel na vida conjugal; Emaranhamento

- Não se envolver verdadeiramente na relação;

- Fingir ter autonomia, enquanto está totalmente dependente do outro.

- Escolher parceiros exigentes ou desqualificadores; Fracasso

- Evitar situações conflituosas;

- Evitar e negar que existem divergências e problemas na relação.

- Voltar-se exageradamente para o parceiro, esquecendo de si próprio; Subjugação

- Evitar discordar e posicionar-se;

- Rebelar-se.

Fonte: Elaborada pela autora (baseada em Paim et al., 2012).

Além dos EIDs presentes na personalidade de cada um dos parceiros, que são refletidos nas suas formas de se relacionar, há, ainda, modos característicos presentes nas relações conjugais. Wainer (2016) destaca três tipos de modos esquemáticos principais,

sendo eles os modos infantis primários, os modos desadaptativos de enfrentamento e o modo adulto saudável.

O modo adulto saudável é o objetivo a ser alcançado em uma relação saudável entre os casais, pois, assim, os parceiros saberão quando seus esquemas estão ativados e o que deve ser feito para que a relação não sofra consequências negativas. Isso significa que haverá um gerenciamento dos modos desadaptativos de enfrentamento e dos modos infantis primários (Young, 2003).

Outro conceito primordial quando falamos na terapia do esquema voltada para casais é o de química do esquema. De acordo com Wainer (2016), este mecanismo funciona como principal influenciador na busca pelos parceiros conjugais, pois é com ela que um ou mais esquemas nucleares do sujeito são ativados. Essa química é acionada com base na recordação de emoções, situações ou traumas da vida do indivíduo, principalmente as ocorridas na infância e na adolescência, períodos em que, os esquemas centrais do indivíduo estavam sendo formados. Alguns aspectos contribuem diretamente para a construção desta química esquemática, sendo os principais a atração imediata e a idealização do cônjuge (Stevens & Roediger, 2016).

A relação entre a química dos esquemas, os EIDs e os modos esquemáticos resultam no que é intitulado de ciclos esquemáticos dos casais. Estes podem ser definidos como respostas cognitivas, comportamentais, emocionais e biológicas do casal, que formam os padrões repetitivos e destrutivos de um relacionamento e estes são ativados através de gatilhos. Para identificar os ciclos esquemáticos entre os parceiros conjugais, o terapeuta deve rever os temas específicos dos conflitos apresentados pelo casal, explorando a perspectiva de cada um, para que possa relacionar os ciclos esquemáticos às reclamações (Simeone-DiFrancesco, Roediger, & Stevens, 2015).

A terapia do esquema e o tratamento com casais

A terapia do esquema com casais permite ao terapeuta e aos parceiros conjugais uma visão clara acerca de sua relação, baseada na dinâmica atual do casal, fornecendo, assim, estratégias para diminuir e/ou eliminar angústias e conflitos sobre as necessidades de cada um deles (Wainer, 2016).

Assim, a TE destinada ao tratamento de casais objetiva auxiliar os parceiros a atender, na atualidade, suas necessidades fundamentais passadas e atuais, de maneira adaptativa, o que irá resultar na mudança de ciclos desadaptativos e na cura de esquemas disfuncionais do relacionamento. Ou seja, através de uma psicoeducação dos ciclos esquemáticos de cada casal, os parceiros conseguem entender o funcionamento um do outro

e quais as necessidades que estão buscando suprir. A TE visa, também, a aceitação das vulnerabilidades de cada membro do casal (Paim, 2016).

Através da convivência diária entre os parceiros conjugais, ocorre a frustração de algumas expectativas em relação ao outro, trazendo à tona alguns dos conflitos presentes na infância ou adolescência, o que culmina na eclosão de brigas entre o casal. As principais fontes esquemáticas reveladas nos problemas conjugais referem-se a dificuldade de atendimento das necessidades fundamentais de cada um dos parceiros, os modos de enfrentamento das situações cotidianas (que envolvem principalmente a hipersensibilidade e as distorções nas interações) e a divergência dos modos de enfrentamento entre os membros do casal, que levam a ciclos esquemáticos repetitivos e destrutivos (Sattler et al., 1999).

Da mesma forma que ocorre com os esquemas iniciais desadaptativos, a busca pelo parceiro conjugal conta com alguns mecanismos que levam a compensação, resignação ou evitação destes esquemas. Caso ocorra uma hipercompensação destes EIDs, as escolhas dos parceiros conjugais estarão baseadas, principalmente, em idealizações e expectativas exageradas acerca do cônjuge. Já se for calcada no mecanismo de resignação, o indivíduo acabará realizando avaliações errôneas e derrotistas acerca de si, do parceiro e da relação como um todo, fazendo esta escolha sem critérios. Por fim, quando há a evitação, o sujeito opta pelo isolamento e distanciamento emocional (Paim, 2016).

A TE busca uma mudança efetiva de caráter e a quebra de ciclos esquemáticos repetitivos do casal, abordando não somente treinamentos de habilidades e de resolução de problemas, o que se torna uma pequena parte deste processo (Wainer, 2016).

De acordo com a TE, para que um tratamento ocorra de maneira efetiva é necessário que ambos os cônjuges adotem uma postura colaborativa empática, com uma estruturação adequada do contrato de trabalho entre o psicólogo e o casal, para que possa ser avaliado, elaborado e formalizado intervenções assertivas (Simeone-DiFrancesco et al., 2015). Contudo, é imprescindível que a individualidade presente na relação seja avaliada e se torne um dos objetivos centrais do terapeuta (Roediger & Stevens, 2016).

Assim, o terapeuta deve concentrar-se da mesma maneira nas expectativas de cada parceiro, levando em conta suas percepções e distorções no modo de julgar e classificar cada uma de suas experiências. Além disso, o psicólogo deve empenhar-se para que os esquemas básicos de cada um emergam e se manifestem, o que possibilitará um melhor entendimento acerca do funcionamento do casal e de como cada um se comporta e percebe seu relacionamento e seu papel. Desta maneira, o terapeuta irá possibilitar que o casal encontre modos assertivos para sua comunicação (Dattilio & Padesky, 1995).

Como estratégias de mudança, destaca-se o uso de técnicas cognitivas individuais, o uso da repaternização limitada entre os parceiros (onde ambos poderão satisfazer suas necessidades fundamentais), a utilização da psicoeducação para ensinar ao casal as situações ativadoras de seus EIDs e modos disfuncionais, para que os confrontos esquemáticos não sejam agravados, e a utilização de mecanismos de reforçamento dos comportamentos positivos. Outras importantes técnicas utilizadas no auxílio do processo terapêutico para casais é o auto monitoramento e das tarefas de casa (Wainer, 2016).

Na fase de avaliação, é importante que o terapeuta possa observar e pedir para que cada um dos parceiros descreva aspectos positivos e negativos de sua relação, momento em que poderá avaliar e identificar os EIDs de cada um, quais são as principais queixas e quais as necessidades que estão ou não sendo atendidas pelos parceiros (Wainer, 2016). Para que ela ocorra de maneira efetiva, propiciando a elucidação dos principais problemas conjugais presentes em cada relação, o psicólogo deve realizar entrevistas individuais e conjuntas, para compreender a história e as informações pertencentes ao casal. Para isso, deve utilizar a escuta clínica, podendo contar com o auxílio de testes e questionários (Dattilio & Padesky, 1995).

Quando o terapeuta optar por entrevistas individuais, deverá abordar assuntos que considerou inadequados nas práticas conjuntas, para que comportamentos, esquemas e modos que não surgiram anteriormente possam ser percebidos. No final destas etapas, o profissional poderá efetuar uma síntese adequada dos conflitos presentes na relação conjugal e, assim, poderá utilizar técnicas e métodos para avaliar e modificar estes esquemas ou modos disfuncionais (Dattilio & Padesky, 1995).

MÉTODO

Delineamento

O delineamento escolhido para esta pesquisa consistiu na análise qualitativa. Essa modalidade é conhecida por seu objetivo de buscar a “compreensão que os significados dos acontecimentos e interações têm para os indivíduos, em situações particulares” (Silva, Gobbi & Simão, 2005, p. 71). Tem como finalidade propiciar uma fusão de elementos a partir de uma significação alcançada no campo de pesquisa (Turato, 2003).

Seu foco está centrado, portanto, em interpretar os fenômenos, com ênfase na subjetividade dos mesmos. É permeada por uma maior flexibilidade se comparada a pesquisas de cunho quantitativo, visto que em razão deste entendimento subjetivo, há uma dificuldade maior de delimitação do que irá encontrar (Dalfovo, Lana & Silveira, 2008).

A análise do material colhido ocorreu de acordo com os dados levantados, sendo clarificado a partir da interrelação entre as cenas do artefato cultural escolhido e a leitura de autores conhecedores do tema em questão.

A pesquisa qualitativa quando utilizada com filmes, objetiva ser capaz de retratar a realidade a partir de uma construção social. Normalmente está voltada para assuntos comuns em nosso cotidiano, como, por exemplo, os relacionados aos valores sociais e às relações interpessoais, para que tais fatores possam ser compreendidos em diferentes e diversos níveis de significação (Flick, 2009).

As interpretações individuais ou coletivas auxiliam na validação dos dados produzidos a partir do artefato cultural utilizado em relação à realidade. A este processo o autor deu o nome de leitura realista (Flick, 2009).

Dentro deste aspecto, o estudo foi composto por uma pesquisa exploratória e interpretativa. A pesquisa exploratória permitiu, a partir da observação do artefato cultural, a verificação do que interessou ao pesquisador. Esta pode ser equiparada a uma exploração realizada quando há fatos desconhecidos. Seu principal objetivo é refinar as descobertas ou ideias que já estão postas. Apresenta um planejamento flexível, visto que novas hipóteses e descobertas podem ser encontradas ao longo do processo (Dalfovo et al., 2008). Gil (2017) destaca que a utilização de exemplos, como materiais visuais, é um passo importante para constituir-se uma esta modalidade de pesquisa.

Já a pesquisa interpretativa proporcionou a integração de novos conhecimentos com os tidos anteriormente ao desenvolvimento do trabalho. Deste modo, as pesquisas interpretativas atentam-se, assim como a pesquisa qualitativa, para a relação entre os significados e as interpretações realizadas pelo pesquisador (Gil, 2017).

Para que esta forma de pesquisar seja efetiva, é necessário o uso de técnicas para o recolhimento de informações, o qual foi feito através de observações e da utilização de diários para realizar anotações acerca das mesmas (Teixeira, 2003).

Fonte

A fonte utilizada neste estudo é o filme “Amizade Colorida” (Zucker, Glotzer & Gluck, 2011). Este artefato americano retrata a história amorosa de Jamie e Dylan. Jamie trabalha em Nova York na área de prospecção de talentos, com recrutamento e seleção. Dylan, por sua vez, mora em Los Angeles e atua como diretor de um *blog*. A história inicia com Jamie recrutando Dylan para uma vaga de diretor de uma grande revista de Nova York, a GQ Magazine, quando ambos desenvolveram uma relação de amizade.

Pouco tempo antes, ambos haviam rompido com seus relacionamentos conjugais, e, decididos a não se envolverem mais amorosamente durante um período, optam por iniciar um envolvimento somente sexual, sem que se apaixonassem. Com o desenrolar da trama, o casal criou um vínculo amoroso, mas em razão de suas formas de funcionamento, tentam rompê-lo, ativando diferentes modos esquemáticos.

Essa comédia romântica foi aclamada pela crítica e retrata a dinâmica de diversos casais, seja na busca pelo parceiro conjugal ou na manutenção dos vínculos afetivos, e, dessa forma, auxiliou a responder os objetivos propostos inicialmente nesta pesquisa.

Instrumentos

Este trabalho foi desenvolvido com base na criação de fichas de documentação, que serviu para coletar dados, com enfoque nos que foram pertinentes, visando ter uma correspondência com o que foi proposto ao longo da pesquisa, seja em seu problema ou em seus objetivos. As fichas têm o objetivo de ter conhecimento de quais materiais foram consultados e qual (is) conteúdo (s) foram úteis ao desenvolvimento de um trabalho, aliado a comentários efetuados pelo pesquisador no momento da leitura. Para este estudo, foram utilizadas fichas *online*, que, de acordo com Gil (2017), devem conter cabeçalho, referência, extratos que serão utilizados, podendo, ainda, dispor de comentários do pesquisador.

Com base na síntese exprimida anteriormente do filme, a ficha de documentação desta pesquisa visou responder a questões como quais foram as cenas que demonstram informações acerca dos objetivos propostos, quais foram os elementos presentes nela, incluindo o contexto e outras informações relevantes, e quais foram os esquemas e os modos esquemáticos utilizados pelo casal protagonista, visto que a utilização de fatos da atualidade

podem auxiliar na explicação de como as suas necessidade emocionais básicas foram atendidas em sua infância, de acordo com o seguinte modelo:

Cena:
<i>Tempo de Início</i>
<i>Tempo de Final</i>
<i>Descrição</i>
<i>Esquemas Ativados</i>
<i>Modos Ativados</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

Procedimentos

Os procedimentos podem ser descritos como o modo de execução de um projeto de pesquisa, nos quais são explicados os passos que irão ser seguidos (Flick, 2009).

Neste trabalho, os seguintes procedimentos foram utilizados:

- 1 – Coleta de dados através de visualizações do filme;
- 2 – Seleção dos dados por meio da identificação das cenas que estavam relacionadas com os objetivos de pesquisa;
- 3 – Estabelecimento das categorias *a priori* de análise;
- 4 – Análise dos dados colhidos, submetidos a análise de conteúdo, de acordo com a proposta da autora Laurence Bardin (2011).

Referencial de Análise

Este estudo foi analisado com base no referencial de análise de conteúdo. O método consiste na avaliação de aspectos objetivos e subjetivos, que visam fornecer possibilidades diferentes e amplos caminhos para o pesquisador fazer sua análise com cientificidade, aliado a desconstrução de elementos, conteúdos e significados encontrados nos materiais de busca, destinando-se à construção de um novo saber (Bardin, 2011).

Seu princípio consiste em elucidar as características e significações presentes no material analisado, através da decomposição da estrutura e dos elementos desse conteúdo, para que, assim, seja viabilizada a compreensão acerca do fenômeno alvo do estudo (Bardin, 2011). No caso deste trabalho, o objetivo principal consistiu na avaliação do impacto dos

esquemas iniciais desadaptativos [EIDs] nas escolhas conjugais a partir do filme “Amizade Colorida”.

Toda a análise de conteúdo, pressupõe que haja uma pré-análise dos dados, uma exploração do material estudado e o tratamento dos resultados, parte em que consta as percepções e interpretações do autor do projeto (Bardin, 2011).

Na fase de pré-análise, o principal objetivo concentra-se na organização sistemática das noções introdutórias, visando construir um plano de análise, baseado em estratégias de seleção de materiais, elaboração de hipóteses e de evidências que funcionem como base para a compreensão final do objeto de pesquisa (Bardin, 2011).

Neste estudo, na fase de pré-análise, foi utilizada a leitura flutuante de materiais de apoio e a escolha dos que tratavam acerca da terapia do esquema, do atendimento das necessidades emocionais primordiais e da formação de vínculos conjugais. Aliado a isso, foi visto diversas vezes o artefato cultural escolhido (Amizade Colorida). Por fim, formulou-se a hipóteses de que há esquemas complementares entre o casal protagonista e que ambos buscam atender na atualidade suas necessidades emocionais básicas, que não foram contempladas adequadamente na infância.

Já a fase de exploração dos materiais voltou-se para aplicação propriamente dita do plano traçado na fase de pré-análise, o que culminou na explanação dos resultados, que ocorre no próximo capítulo desta pesquisa.

Foi efetuada uma categorização dos conteúdos, para que fosse viabilizada a execução de todas as etapas. Por isso, foi necessário obter o domínio do artefato cultural utilizado. Assim, a partir do recorte das cenas do filme, as mesmas foram agrupadas por características similares, de acordo com as categorias definidas, o que originou as unidades de análises (Bardin, 2011).

Para esta pesquisa, optou-se pela definição *a priori* das categorias de análise, depois de reestruturar e recortar os conteúdos, visto que a mesma permite a escolha de temas baseado no referencial bibliográfico revisto ao longo do estudo (Bardin, 2011). As categorias *a priori* foram divididas em:

- a) Esquemas ativados de cada um dos parceiros conjugais;
- b) Modos ativados de cada um dos parceiros conjugais.

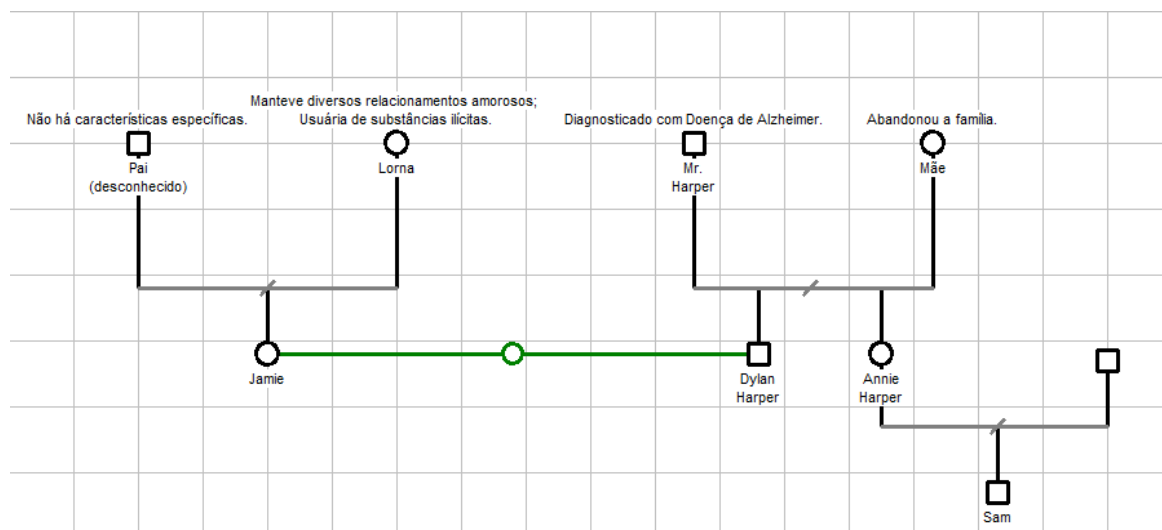
Outra estratégia de análise utilizada nesta pesquisa será a do emparelhamento. Ela consiste em “associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los” (Laville & Dionne, 1999, p. 227). Assim, foi realizado o emparelhamento da Terapia do Esquema com os elementos que emergiram através do artefato cultural “Amizade Colorida”.

RESULTADOS

Com base nas diversas visualizações do filme “Amizade Colorida”, nas quais focou-se na dinâmica que envolve a busca e a vinculação de parceiros conjugais, foram escolhidas 10 cenas que caracterizam e se enquadram nas categorias *a priori* analisadas (esquemas ativados de cada um dos parceiros conjugais e modos ativados de cada um dos parceiros conjugais). Desta forma, faz-se necessário destacar alguns personagens e suas informações principais, envolvidos ao longo das cenas destacadas, sendo eles:

- Jamie: protagonista do longa-metragem; a jovem mora em Nova York e trabalha como caça talentos de executivos;
- Dylan Harper: protagonista do longa-metragem; o jovem é natural de Los Angeles, e é diretor de arte;
- Lorna: mãe de Jamie; manteve diversos relacionamentos amorosos, abandonando Jamie para viver suas aventuras amorosas;
- Annie: irmã de Dylan; vive em Los Angeles, sendo responsável pelos cuidados de seu pai, que foi diagnosticado com Doença de Alzheimer.
- Mr. Harper: pai de Dylan e de Annie; foi diagnosticado com Doença de Alzheimer;
- Tommy: colega de trabalho de Dylan; trabalha como diretor de esportes na GQ Magazine;
- Parker: médico oncologista; viveu um breve relacionamento amoroso com Jamie;
- Kayla: ex-namorada de Dylan;
- Quincer: ex-namorado de Jamie;
- Sam: sobrinho de Dylan.

Tal dinâmica familiar pode ser exemplificada através do genograma a seguir:



O filme retrata a história de Jamie e Dylan, que se conheceram através de um processo de recrutamento realizado pela protagonista, para uma vaga de diretor comercial de uma famosa revista de Nova York, a GQ Magazine. Dylan é um jovem de Los Angeles, que, ao receber a proposta de Jamie, vê na oportunidade uma possibilidade de fuga de seus problemas atuais, relacionados ao rompimento de seu namoro com Kayla e do constante agravamento da Doença de Alzheimer de seu pai. Jamie, por sua vez, havia acabado de ser dispensada por Quincer, e estava decidida a curtir a vida, sem se envolver amorosamente.

Com a mudança de Dylan para Nova York, os protagonistas iniciam uma relação de amizade que contempla desde frequentar bares e restaurantes até assistir filmes em suas casas. Em determinada ocasião, ambos discutem acerca de suas recentes decepções amorosas, e decidem construir um envolvimento somente sexual, sem emoções ou sentimentos.

Com o desenrolar da trama, os protagonistas começam a se conhecer verdadeiramente e decidem que deveriam tentar novamente construir uma relação verdadeira, rompendo com sua amizade colorida.

Jamie conhece Parker e aplica uma técnica que aprendeu em um filme de romance, a de cinco encontros antes de fazer sexo com seu parceiro. Nos quatro primeiros encontros, ambos pareciam felizes com a constante aproximação, até que, após transarem, Parker relata para Jamie que não estava pronto para entrar em um relacionamento sério. Dylan, por sua vez, começa a frequentar alguns bares com seu colega de trabalho Tommy, e conhece uma jovem, com comportamentos bizarros.

Como seus novos envolvimento também não ocorreram da forma que desejavam, Dylan levou Jamie para conhecer sua cidade, como amigos, quando sua irmã começa a lhe pressionar acerca de seu envolvimento com a jovem, momento em que o mesmo nega seus sentimentos. Ao ouvir tal discussão, Jamie decide ir embora da casa de Dylan, retornando para Nova York e passa a ignorá-lo, até o momento em que ele declara seu amor por ela, quando o filme chega ao final.

Antes de discorrer sobre os resultados encontrados nesta pesquisa, torna-se válido salientar o histórico familiar dos protagonistas Jamie e Dylan. Jamie nunca teve a presença de sua figura paterna em seu dia a dia e não tem acesso a nenhuma informação sobre ele, visto que Lorna relatou diferentes características acerca do mesmo. Lorna, por sua vez, não foi uma figura materna continente, que acolhesse as demandas de Jamie ou que estivesse fisicamente disponível para sua filha, visto que sua prioridade e dedicação focaram-se sempre em seus envolvimento amorosos. Tais comportamentos de Lorna possuem um

componente agravador, relacionados ao seu constante uso de drogas lícitas e ilícitas (álcool, maconha e cola).

Dylan, por sua vez, apresenta uma estrutura familiar mais sólida, mas que, da mesma forma, apresenta algumas fragilidades. Seus pais foram casados ao longo de muitos anos, mas seu pai sempre teve um outro amor em sua vida. Sua mãe abandonou a família há 10 anos, constituindo uma nova estrutura familiar.

A partir disso, as cenas escolhidas de acordo com as categorias *a priori* definidas são:

Cena 1: Jamie e Dylan terminam seus relacionamentos amorosos	
<i>Tempo de Início</i>	1min47seg
<i>Tempo de Final</i>	4min49min
<i>Descrição</i>	Na cidade de Nova York, Jamie está na entrada do cinema esperando Quincer, que está atrasado. Ao chegar, o mesmo fala que deseja acabar o relacionamento, e que, graças a isso, se atrasou, pois estava escolhendo uma roupa para a ocasião. Jamie demonstra irritação e diz “você está me dizendo que demorou todo esse tempo e escolheu jeans e moletom? Você vai prestar vestibular depois?”. Além disso, derruba o sanduíche que havia dado para ele e questiona o porquê do término, já que dias antes ele havia falado que ambos eram almas gêmeas. O jovem lhe responde, dizendo que ela tem problemas emocionais e que possui olhos muito grandes, que por vezes o assusta. Concomitantemente, em Los Angeles, Dylan está atrasado para encontrar Kayla em frente ao local do show do John Mayer que ambos iriam. Ao chegar, a moça, aparentemente irritada pelo seu atraso, informa que gostaria de dar um tempo no namoro, apontando que Dylan prioriza somente seu trabalho e que tem um “bloqueio emocional”.
<i>Esquemas</i>	Esquema de abandono (Jamie e Dylan);
<i>Ativados</i>	Esquema de privação emocional (Jamie e Dylan); Esquema de defectividade/vergonha (Jamie).
<i>Modos Ativados</i>	Modo criança zangada (ambos).

Cena 2: Dylan inicia em seu novo emprego

Tempo de Início 18min50seg

Tempo de Final 19min20seg

Descrição Dylan chega em seu novo local de trabalho, a GQ Magazine, e discursa para seus colegas e subordinados, dizendo que está e estará sempre à disposição dos mesmos para conversar e trocar ideias, finalizando dizendo que “minha porta sempre estará aberta”, fazendo com que a frase adquira um sentido literal, tirando a porta de seu escritório.

Esquemas Esquema de defectividade/vergonha.

Ativados

Modos Ativados Modo hipercompensador.

Cena 3: Jamie e Dylan falam acerca de suas experiências amorosas

Tempo de Início 21min40seg

Tempo de Final 22min49seg

Descrição Jamie e Dylan encontram-se em uma lanchonete de Nova York para almoçar, quando ambos começam a sobre suas experiências amorosas, relatando que possuem “bloqueios emocionais”, afirmando que não desejam mais se envolver amorosamente. Neste momento, Kayla liga para Dylan, mas quem atende o celular é Jamie, que informa à ex-namorada do jovem que ele está temporariamente indisponível.

Esquemas Esquema de abandono (Jamie e Dylan).

Ativados

Modos Ativados Modo criança vulnerável (Jamie e Dylan).

Cena 4: Dylan e Jamie decidem iniciar uma “Amizade Colorida”

Tempo de Início 27min30seg

Tempo de Final 30min05seg

Descrição Após assistirem a um filme de romance, Jamie e Dylan discutem sobre a complexidade dos envolvimento amorosos e como sentem falta de sexo. Neste momento, Dylan propõe para Jamie para que eles construíssem uma relação que se resumisse somente a sexo, já que ambos sentiam falta disso. Inicialmente, Jamie foi totalmente contra tal ideia, mas ao conversarem, ambos concordam que deveriam tentar se relacionar desta forma. Neste momento, ambos afirmam que não sentem atração física um pelo outro, mas logo em seguida começam a elogiar diferentes partes do corpo do (a) parceiro (a). Assim, decidem iniciar uma “amizade colorida”, definindo que sua relação ficaria restrita somente a sexo casual, sem que emoções e sentimentos estivessem envolvidos. Ao iniciarem a relação, Jamie destaca que seu corpo é cheio de defeitos e que sente-se insegura com o mesmo.

Esquemas Esquema de abandono (Jamie e Dylan);

Ativados Esquema de defectividade e vergonha (Jamie).

Modos Ativados Modo Hipercompensador (Jamie e Dylan);
Modo pai/mãe crítico (Jamie).

Cena 5: Dylan e Tommy conversam sobre relacionamentos

Tempo de Início 42min01seg

Tempo de Final 43min27seg

Descrição Após uma partida de basquete, Tommy e Dylan sentam-se em um banco de uma quadra de esportes no centro de Nova York e conversam sobre relacionamentos amorosos. Dylan conta a Tommy que em seguida irá encontrar com Jamie, e seu amigo questiona sobre seu envolvimento com a “caça-talentos”, quando o protagonista afirma que a relação se restringe

apenas a sexo e diz à Tommy que não sente absolutamente nada por Jamie. Tommy afirma que chegará um momento em que Dylan irá sentir algo forte por alguém, que não conseguirá somente passar uma noite junto com a pessoa, mas que irá querer estar junto todos os dias. Neste momento Dylan fica pensativo.

<i>Esquemas</i>	Esquema de desconfiança.
<i>Ativados</i>	

<i>Modos Ativados</i>	Modo criança vulnerável.
-----------------------	--------------------------

Cena 6: Aspectos acerca da família de Jamie

<i>Tempo de Início</i>	50min10seg
------------------------	------------

<i>Tempo de Final</i>	50min50seg
-----------------------	------------

<i>Descrição</i>	Jamie está em um encontro com Parker, médico oncologista, em um bar no centro de Nova York, e lhe conta que fez parte de uma banda em uma das escolas em que estudou, relatando que se mudava de cidade constantemente, devido aos diversos envolvimento amorosos que sua mãe – Lorna – teve ao longo de sua infância. Durante essa conversa, conta também que não conheceu seu pai e que pouco sabe sobre ele, pois cada vez que sua mãe relata alguma característica há uma contradição com o que havia lhe contado anteriormente.
------------------	--

<i>Esquemas</i>	Nesta cena ressaltam-se indícios da formação dos esquemas de abandono
<i>Ativados</i>	e privação emocional de Jamie.

<i>Modos Ativados</i>	Modo criança vulnerável.
-----------------------	--------------------------

Cena 7: Jamie relata e ressalta seus defeitos

<i>Tempo de Início</i>	50min52seg
------------------------	------------

<i>Tempo de Final</i>	51min28seg
-----------------------	------------

<i>Descrição</i>	Jamie está em seu terceiro encontro com Parker, em uma cafeteria, e ambos conversam sobre como se conheceram no parque em Nova York. Jamie destaca que se surpreendeu por ele estar em um parque contemplando as árvores ao invés de estar olhando e “azarando” as mulheres a sua volta. Parker afirma que havia saído de um plantão de 36 horas e que não sabia como havia chegado no local e considerava que estava dormindo em pé. Após rirem da situação, Parker questiona Jamie como a mesma ainda está solteira, e a protagonista afirma que possui diversos defeitos emocionais e físicos e que sonha em encontrar um príncipe encantado.
<i>Esquemas</i> <i>Ativados</i>	Esquema de defectividade e vergonha.
<i>Modos Ativados</i>	Modo criança vulnerável.
Cena 8: Relacionamento entre Jamie e Parker	
<i>Tempo de Início</i>	51min55seg
<i>Tempo de Final</i>	56min10seg
<i>Descrição</i>	Após o quinto encontro, Jamie convida Parker para ir em seu apartamento e ambos fazem sexo. Jamie pede para que fiquem no sofá da sala de sua casa (fazendo alusão a uma cena anterior em que falou para Dylan que a luz de seu quarto ressaltava os defeitos de seu corpo). Após passarem a noite juntos, Jamie recebe uma ligação de Dylan e, enquanto conversa com o mesmo, decide ir comprar um café para ela e outro para Parker. No caminho de retorno para sua casa, encontra Parker saindo às escondidas de sua casa e o questiona acerca do porquê o mesmo estava apresentando tal comportamento, quando o médico lhe justifica que não era seu príncipe encantado. Jamie então fica extremamente irritada, joga fora o café que havia comprado para ele e sai bestemando e o xingando.
<i>Esquemas</i> <i>Acionados</i>	Esquema de abandono; Esquema de privação emocional.

<i>Modos Acionados</i>	Modo criança vulnerável; Modo criança zangada.
Cena 9: O histórico familiar de Dylan	
<i>Tempo de Início</i>	1h11min40seg
<i>Tempo de Final</i>	1h16min23seg
<i>Descrição</i>	Annie, Dylan, Ms. Harper, Sam e Jamie saem para jantar em Los Angeles e em meio ao jantar Jamie e Dylan contam como foi a experiência do convencimento para a contratação do protagonista para o cargo de diretor da Revista GQ. Durante a conversa, Annie diz que ambos brigam e comportam-se como se fossem um casal, momento em que seu pai diz a Dylan que sempre que sua mãe estava brava ele lhe comprava joias, e, em seguida, pede para vê-la. Porém, em função da Doença de Alzheimer, Mr. Harper não lembrava de sua separação e do abandono de sua ex-mulher, que constituiu uma nova família. Após a discussão, na manhã do dia seguinte, Jamie e Dylan fazem uma caminhada por um dos pontos turísticos de Los Angeles, e, contra a vontade de Dylan, conversam sobre a infância do mesmo, sobre o abandono da figura materna e sobre o diagnóstico de seu pai. Jamie questiona Dylan sobre o porquê de o jovem nunca ter lhe contado sua história familiar, e o protagonista começa a agir infantilmente, dizendo que o assunto não era da conta de Jamie. Após tal comportamento, fala que não consegue aceitar a doença de seu pai e o abandono de sua mãe. Jamie rebate lhe respondendo que é muito infantil de sua parte evitar seus problemas e simplesmente não falar sobre isso, lhe dizendo que muitos de seus comportamentos atuais eram decorrentes do mesmo não conseguir elaborar essas situações.
<i>Esquemas Acionados</i>	Nesta cena ressaltam-se indícios da formação dos esquemas de abandono e privação emocional de Dylan, e, em seguida, demonstra estes esquemas de Dylan na atualidade.
<i>Modos Acionados</i>	Modo adulto saudável (Jamie);

	Modo criança vulnerável (Dylan); Modo criança zangada (Dylan).
Cena 10: Dylan nega seus sentimentos por Jamie	
<i>Tempo de Início</i>	1h17min40seg
<i>Tempo de Final</i>	1h20min29seg
<i>Descrição</i>	Em conversa com Dylan, Annie pergunta quando veria novamente Jamie, e o mesmo diz que não sabe, pois eles não possuem nenhum tipo de relacionamento. Annie o confronta dizendo que o viu saindo do quarto da jovem na noite anterior, quando começam a discutir e Dylan afirma que não tem nenhum sentimento por Jamie, somente atração física, e que ela não é quem ele procura para construir uma vida juntos, pois Jamie possui diversos defeitos emocionais “quem nem Freud resolveria” (sic). Jamie estava escutando a conversa sem que Annie e Dylan percebesse, e, logo após ouvir tal discussão, arruma suas malas e volta para Nova York sem discutir com Dylan sobre a situação, passando a ignorá-lo.
<i>Esquemas</i>	Esquema de abandono (Dylan);
<i>Acionados</i>	Esquema de privação emocional (Dylan).
<i>Modos Acionados</i>	Modo criança zangada (Jamie e Dylan); Modo pai/mãe punitivo-crítico (Dylan).

Após a cena 10, Jamie ignora todas as ligações e tentativas de contato de Dylan, momento em que se percebe a continuidade da ativação de seu modo criança zangada.

DISCUSSÃO

No artefato, percebeu-se que tanto Jamie quanto Dylan tiveram figuras de apego inconstantes e que não estavam disponíveis para o atendimento de suas demandas. Sabe-se que o não atendimento das necessidades emocionais fundamentais representa uma importante lacuna na estruturação da personalidade do indivíduo (Lopes & Melo, 2014). No caso de Jamie, observou-se que, em função do uso de substâncias psicoativas de Lorna (inclusive durante o período da gravidez) e de sua constante procura e troca de parceiros conjugais, importantes falhas ocorreram no que se refere ao atendimento das necessidades de aceitação e pertencimento, de respeito aos próprios desejos e aspirações e de expressão emocional legítima, dando origem a diversos esquemas desadaptativos, sendo os principais relacionados ao 1º domínio, de desconexão e rejeição, sendo estes EIDs de abandono/instabilidade, de privação emocional e de defectividade e vergonha. Tal fato pode ser percebido na cena 06, quando Jamie conta como foi sua infância, com diversas mudanças de cidade, em razão dos inúmeros envolvimento amorosos de Lorna, revelando que nunca foi a prioridade de sua mãe e que não sabe ao certo nenhuma característica de seu pai, além de outros momentos da longa-metragem, que trazem comportamentos adolescentes por parte de Lorna, que demonstrou não ter a capacidade de ser validante aos desejos e carências de Jamie. Dylan por sua vez, também apresentou em sua história evidências de falhas no atendimento das necessidades presentes no primeiro domínio, de aceitação e pertencimento. Isto por conta do abandono da figura materna durante a adolescência e da dificuldade que o pai tinha em expressar afeto. Isto evidencia-se especialmente, na cena 09, quando Jamie, Dylan, Annie, Mr. Harper e Sam estão jantando em um restaurante de Los Angeles, e o patriarca da família conta como resolvia as discussões com sua ex-mulher, esquecendo-se do fato de que a mesma o abandonou.

É característico das famílias que apresentam falhas no atendimento de necessidades do primeiro domínio a presença de comportamentos instáveis, inesperados, desligados e rejeitadores dos cuidadores primários (Paim et al., 2012). Tal fato pôde ser percebido em ambas as famílias dos protagonistas Jamie e Dylan, o que justifica a estruturação de EIDs similares nos protagonistas. No caso de Jamie, nota-se ainda que havia a presença de abuso de substâncias psicoativas por parte de sua mãe, ocorrência que também pode ser considerada comum em famílias que originam EIDs de 1º domínio (Young, 2003).

Como destacado anteriormente, Jamie apresenta EIDs de abandono/instabilidade, de privação emocional e de defectividade e vergonha, demonstrados nas cenas 01, 03, 04, 07 e 08.

O esquema de abandono/instabilidade pode ser definido através da percepção por parte do indivíduo de que sempre haverá uma instabilidade presente na formação de sua vinculação com os demais (Gomes, 2015). No caso de Jamie, tal esquema é o que mais aparece ao longo do filme, que pôde ser identificado nas cenas 01 e 08, quando a protagonista envolveu-se com Quincer e Parker, que não estavam emocionalmente disponíveis para si e para iniciar um relacionamento, mas, mesmo assim, a jovem adota uma postura de pressão aos parceiros, em busca de uma vinculação mais profunda, o que acaba por sufocá-los. Além destas cenas, tal esquema também está presente nas passagens 03 e 04, quando Jamie tenta afastar-se de relacionamentos mais íntimos, negando para Dylan que o que realmente deseja é encontrar um parceiro que possa atender e suprir suas necessidades emocionais fundamentais. Dentro das cenas elencadas, percebe-se que há a presença de sentimentos de medo, raiva, tristeza e desespero da jovem, os quais são característicos do EID de abandono.

Jamie revela, ainda, esquemas de privação emocional, o qual significa que o indivíduo nutre uma esperança de que ninguém irá conseguir satisfazê-lo emocionalmente da maneira que considera adequada (Paim, 2016). Tal esquema foi evidenciado também na cena 01 e na cena 08, quando Jamie escolhe parceiros que não estavam preparados para assumir um relacionamento, conforme descrito anteriormente. Assim, os principais sentimentos que a jovem possivelmente demonstrou nas cenas são de solidão, desamparo, tristeza e raiva.

Por fim, Jamie demonstra o esquema de defectividade/vergonha que respalda-se no fato do indivíduo sentir-se falho, defeituoso, inferior e não digno de receber amor dos demais, como nas cenas 01, 04 e 07, nas quais aponta problemas físicos (dizendo que possui olhos grande, seios pequenos e um corpo cheio de defeitos) e emocionais, revelando sentimentos de tristeza e ansiedade (Wainer, 2016).

A protagonista manifesta comportamentos característicos de indivíduos que buscam realizar a manutenção de todos seus esquemas, adotando tal processamento através da busca por parceiros que se encontram emocionalmente indisponíveis para si e que não são confiáveis e/ou persistentes no relacionamento, como pode ser observado em suas três tentativas de vinculação, com Quincer, Parker e Dylan (Young et al., 2008).

Além disso, Jamie utiliza do mesmo mecanismo de manutenção de seu EID de defectividade/vergonha, visto que vê a si mesma como defeituosa, escolhendo parceiros extremamente críticos (Wainer, 2016), como o caso de Quincer, que utiliza como justificativa para romper o namoro o tamanho expressivo dos olhos de Jamie, além de ter fornecido destaque às inúmeras disfuncionalidades emocionais da jovem. Tal fato repetiu-

se com Dylan, como mostra a cena 10, na qual o protagonista crítica Jamie, falando para sua irmã que ela é cheia de defeitos e nem Freud conseguiria resolvê-los.

Dylan também possui EIDs de abandono, demonstrados nas cenas 01, 03, 04, 09 e 10, de privação emocional, exibidos nas cenas 01, 09 e 10, de desconfiança/abuso, visto na cena 05, e de defectividade/vergonha, presentes na cena 02. O personagem utiliza de mecanismos de manutenção, no caso dos esquemas de abandono e privação emocional, visto que não se entrega emocionalmente às suas parceiras, evitando relacionamentos completos e duradouros, aceitando, por exemplo, iniciar uma relação de sexo casual pelo medo de se decepcionar novamente, optando por evitar relacionamentos emocionais íntimos (Martin & Young, 2010). Faz uso também do mecanismo de compensação, quando se trata de seu EID de defectividade/vergonha, preferindo afastar-se, evitando, assim, demonstrar verdadeiramente seus pensamentos ou sentimentos, procurando seguidamente a admiração e aprovação de seus pares, como no caso do filme, em que busca pelo reconhecimento dos colegas de trabalho, através de uma situação que ele mesmo considera um clichê de livros de liderança (retirar a porta de sua sala fisicamente, para que todos sentissem que ele estaria disponível a qualquer momento) (Paim et al., 2012). Por fim, quando seu esquema de desconfiança/abuso é ativado, o protagonista faz uso do mecanismo de evitação, esquivando-se do pensamento acerca de suas vinculações interpessoais.

O mecanismo de manutenção de um esquema, pode ser definido como um reforçamento do EID, através das distorções de interpretações de situações cotidianas ou da adoção de comportamentos autoderrotistas. Tal mecanismo é comumente empregado na escolha do parceiro conjugal, para que os esquemas desenvolvidos na infância sejam confirmados, visto que, naquele momento, tais comportamentos funcionaram de modo adaptativo para que o indivíduo pudesse sobreviver de forma minimamente saudável no ambiente em que estava inserido. Como o processo de confrontação e mudança de um EID exige um elevado grau de comprometimento e envolvimento no processo terapêutico para cura dos mesmos, normalmente os indivíduos preferem mantê-los através deste mecanismo (Young, 2003).

O mecanismo de compensação de um esquema indica comportamentos ou pensamentos opostos aos que o indivíduo realmente crê, visando esconder sua vulnerabilidade. O mecanismo de evitação, por fim, pode ocorrer de maneira cognitiva, afetiva ou comportamental, mas refere-se, sempre, a um bloqueio do que ocorre verdadeiramente para que seu EID não seja ativado, ou seja, o sujeito não pensa, não sente e não se expõe efetivamente às situações do cotidiano (Paim, 2016).

Ao se tratar dos modos esquemáticos adotados pelos protagonistas, mais uma vez percebe-se uma correspondência presente no filme, já que Dylan e Jamie alteram entre os modos criança zangada, criança vulnerável, pai/mãe punitivo-crítico e hipercompensador.

Nas cenas em que o modo criança zangada é evidenciado - 01, 08, 09 e 10 - os protagonistas agem baseados em sentimentos de raiva, como forma de compensar uma necessidade emocional fundamental não atendida (Roediger & Stevens, 2016). No caso de Jamie, na cena 01 a jovem derruba o sanduíche que havia dado ao Quincer e na cena 08 joga no lixo o café que havia comprado para Parker, quando ambos rompem consigo. Dylan, por sua vez, age como uma criança zangada na cena 01, quando agradece Kayla por ter rompido com o relacionamento antes de que precisasse acompanhá-la no show do John Mayer. Tal fato se repete na cena 09, quando ele aciona este modo ao falar sobre como se sente acerca do abandono de sua mãe e da doença de seu pai, ficando irritado ao ser questionado por Jamie sobre tais acontecimentos. A última cena que reflete o modo criança zangada protagonizada por Dylan, foi a de número 10, quando Annie o indaga acerca de seu relacionamento com Jamie, e ele foge da mesma indo para outros cômodos da casa e lhe responde de forma grosseira.

O modo criança vulnerável é o que mais aparece nos protagonistas, visto que em diversos momentos ambos evidenciam sentimentos de ansiedade, medo, tristeza e/ou desamparo, graças a ativação de seus EIDs (Wainer, 2016), como pode ser visto nas cenas 03, 05, 06, 07, 08 e 09, em que Dylan e Jamie conseguem expressar suas dificuldades em vincular-se emocionalmente com os demais por medo de serem magoados ou abandonados, como é o caso da cena 03 e 05, na qual ambos estão almoçando e relembrando de seus envolvimento anteriores. Já na cena 06, Jamie consegue expressar seus sentimentos de tristeza e angústia em função de suas diversas mudanças de cidade, graças aos relacionamentos de sua mãe. Nas cenas 07 e 08 nota-se que Jamie revela suas expectativas e temores em relação ao seu envolvimento com Parker, e, por fim, na cena 09, quando Dylan discorre acerca de como se sente com o abandono de sua mãe e o desenvolvimento da doença de seu pai.

Outro modo notabilizado por Jamie e Dylan é o de pai/mãe punitivo-crítico, mas adotado através de posturas diferentes, visto que Jamie critica a si mesma, enaltecendo seus defeitos comportamentais e emocionais, como pôde ser observado na cena 04, enquanto Dylan procura salientar os defeitos de sua parceira, fato exacerbado na cena 10.

Os protagonistas utilizaram também do modo hipercompensador, na cena 04, quando optam por iniciar uma amizade colorida, sem que houvesse envolvimento de sentimentos e emoções, mesmo que ambos necessitassem da formulação de vínculos estáveis, verdadeiros

e duradouros, comportamento característico de quem utiliza este modo, já que tentaram combater seus EIDs, agindo de maneira oposta ao que desejavam (Young et al., 2008). Dylan utiliza de tal modo na cena 02, tentando encobrir a insegurança no primeiro dia em que está como diretor da GQ Magazine, utilizando-se de clichês para vincular-se com os demais.

Por fim, Jamie utilizou do modo adulto saudável na cena 09, quando instigou Dylan a falar como se sentia verdadeiramente com o abandono de sua mãe e com a doença de seu pai, estimulando que o mesmo pudesse ser verdadeiro consigo mesmo e com os outros, sobre a carga emocional que tal situação carregava (Wainer, 2016).

As principais situações conflituosas presentes na relação de Jamie e Dylan referem-se a dificuldade de atender as necessidades emocionais fundamentais um do outro, a forma de funcionamento de cada um deles, que carregam suas interpretações de distorções e de hipersensibilidade no que se refere aos acontecimentos diários e a colisão entre os modos esquemáticos e os EIDs do casal, que levam a ciclos repetitivos e destrutivos.

Dado este cenário e ao final do filme, em que Jamie e Dylan assumem um relacionamento sério, seria indicado que ambos procurassem a Terapia do Esquema para Casais, visto que esta promove uma compreensão elaborada, sistemática e regulada dos comportamentos e sentimentos de cada parceiro e da dinâmica relacional presente em sua vinculação, o que lhes auxiliariam na promoção de um relacionamento mais saudável e duradouro. Aliado a isso, as técnicas utilizadas pela TE funcionam como agentes reparentalizadores das necessidades primordiais não atendidas durante a infância e adolescência do indivíduo, visando uma alteração composta por aspectos interpessoais, cognitivos, emocionais e comportamentais (Paim, 2016).

O processo psicoterápico é composto por uma fase avaliativa, seguida pela fase de mudança propriamente dita. No caso de Jamie e Dylan, o terapeuta deveria realizar um entendimento acerca da história do casal, incluindo aspectos positivos e negativos, desde como se conheceram, como iniciaram sua relação, quais são as principais situações conflituosas, para que suas necessidades emocionais pudessem ser constatadas, através do discurso dos mesmos (Dattilio & Padesky, 1995).

Neste momento de identificação e detecção dos EIDs e modos esquemáticos disfuncionais que encontram-se ativados, o terapeuta deve psicoeducar os parceiros para que ambos possam perceber, escutar, sentir e validar suas necessidades. Com os protagonistas, o terapeuta deveria promover uma discussão acerca dos principais esquemas de Jamie e Dylan, sendo estes de abandono, provenientes de suas estruturas familiares disfuncionais, e quais são os comportamentos de cada um deles que atuam como situações gatilhos, desencadeando modos disfuncionais na relação, para que, através do aprendizado das

mesmas, o casal possa evitar tais ativações, facilitando a forma com que eles se relacionam (Simeone-DiFrancesco et al., 2015).

Posterior à fase de avaliação, deve ser colocado em prática a etapa de mudança, na qual o terapeuta deve, mais uma vez, promover a psicoeducação, ensinando a forma de funcionamento de cada um deles. Isso pode ocorrer através do uso de cartões lembrete, através da indicação de quando um EID foi ativado e da promoção de uma confrontação entre os atritos atuais e os conflitos em sua infância, auxiliando na resolução dos mesmos (Paim, 2016).

Os personagens Dylan e Jamie foram utilizados neste trabalho para ilustrar o modo como a escolha pelo parceiro conjugal se dá, quando baseadas em esquemas. Sem perceber, muitos casais fazem estas escolhas com base nas relações vivenciadas em sua infância, utilizando-se de modos esquemáticos e padrões relacionais que funcionaram de modo adaptativo naquele momento, mas que podem não significar uma relação conjugal saudável. Graças a isso, diversos relacionamentos acabam por não dar certo, e, por isso, o percentual de divórcios que ocorrem no Brasil atualmente é de 25%, de acordo com dados do IBGE (2016).

Tornar claro para o indivíduo sobre o seu processo de escolha pode prevenir possíveis problemas conjugais. E, nos casos de casais que utilizam muitos dos modos esquemáticos apresentados aqui, a terapia de casal baseada em esquemas pode resgatar o casamento evitando a separação e melhorando a qualidade da relação.

O papel dos psicólogos no auxílio à população em identificar seus esquemas e lidar melhor com suas ativações e comportamentos promoveria um menor nível de frustrações nas relações em geral, não somente entre os parceiros conjugais, visto que os indivíduos passariam a compreender como suas necessidades emocionais fundamentais podem ser reparentalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível assimilar o impacto causado e a relação presente entre o não atendimento ou do atendimento inadequado das necessidades emocionais fundamentais e a busca e a estruturação do vínculo conjugal, baseado no que está formulado pela terapia do esquema, criada e desenvolvida por Jeffrey Young. Tais impactos são compreendidos na busca inconsciente de que os parceiros conjugais consigam suprir tais necessidades, mesmo que não tenham conhecimento de suas vulnerabilidades e da história de sua infância.

Ao discorrer acerca da estruturação dos vínculos conjugais, percebeu-se que com a mudança do paradigma cultural, que deixou de compreender a formação dos casais a partir de questões financeiras para compreender este fenômeno a partir da busca baseada em sentimentos e emoções, o significado inserido na relação conjugal passou a ser o de que cada parceiro deveria suprir as necessidades uns dos outros, mesmo que não soubessem do que seu cônjuge estava precisando, sendo que este é o principal mecanismo gerador de conflitos, visto que na maioria dos casos esta dinâmica não funciona de modo saudável.

Já em relação à conceituação da terapia do esquema, notou-se que os seus conceitos centrais, sendo estes as necessidades emocionais fundamentais, os modos esquemáticos e os esquemas iniciais desadaptativos estão intimamente ligados com o ambiente e os cuidados realizados pelas figuras primárias na infância do indivíduo, aliado ao seu temperamento e sua herança filogenética.

Com os resultados obtidos neste estudo, conclui-se que o papel dos cuidadores primários no atendimento adequado das necessidades emocionais fundamentais e o ambiente em que o sujeito encontra-se ao longo de seu desenvolvimento, podem evitar o desenvolvimento de esquemas iniciais desadaptativos, e evitar o desenvolvimento de relações interpessoais disfuncionais e patológicas. Tal fato pode ser percebido no artefato cultural utilizado, visto que tanto Jamie quanto Dylan desenvolveram-se em famílias que não conseguiram validar suas emoções, sentimentos e comportamentos, o que os levou a busca por parceiros que pudessem manter seus EIDs e gerou relações patológicas, que culminavam em sentimentos de tristeza, decepção e abandono.

Este estudo apresenta algumas limitações, sendo que a principal delas refere-se à insuficiência de material traduzido para o idioma português que trate sobre a definição, a aplicação e o impacto da terapia do esquema destinada para casais, ficando restrita a dois autores principais (Ricardo Wainer e Kelly Paim), fazendo com que o campo de pesquisa tivesse que ser voltado para literatura estrangeira. Além disso, o método deste estudo não permite a generalização dos dados para outras situações, tendo em vista que a análise foi restrita a um contexto específico.

Portanto, uma das constatações feitas a partir deste trabalho é a necessidade de pesquisadores brasileiros, aplicarem e promoverem estudos voltados para a execução da terapia de esquemas para casais, ampliando, assim, a literatura nacional acerca do tema. Isto seria de grande valia pois poderia diminuir os conflitos presentes nas relações e minimizar o número elevado e significativo de divórcios, podendo a terapia ser aplicada desde o início do processo de vinculação, na escolha do parceiro, identificando o que o mesmo é capaz de fornecer (seja a níveis emocionais ou comportamentais).

Além disso, a literatura internacional já vem demonstrando por meio de estudos de intervenções que esta é uma abordagem com efeitos positivos indicados em seu princípio para os transtornos de personalidade. Atualmente está sinalizando alta efetividade também em tratamentos com casais, com crianças e adolescentes, e, desta forma, sugere-se a continuidade da pesquisa acerca da temática interventiva, o que pode impactar diretamente na melhora da qualidade das relações, e, também, prevenir o divórcio e o desenvolvimento de transtornos mentais.

REFERÊNCIAS

- Arntz, A. & van Genderen, H. (2009). Borderline personality disorder. In A. Arntz & H. van Genderen. *Schema therapy for borderline personality disorder* (J. Drost, K. Sendt. S. Baumgarten-Kustner & A. Arntz, Trads.). [Versão Eletrônica]. Oxford, UK/ Malden, MA, USA: Wiley-Blackwell. (Trabalho original publicado em 2005).
- Bardin, L. (2011). Terceira parte - método. In Bardin, L. *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). (pp. 123-198). São Paulo: Almedina Brasil.
- Callegaro, M. M. (2005). A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. [Versão Eletrônica]. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva (online)*, 01(01), 09-20.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar - Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. (M. A. V. Veronese, Trad.). 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A. & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. [Versão Eletrônica]. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 02(04), 01- 13.
- Dattilio, F. M. & Padesky, C. A. (1995). Terapia Cognitiva com Casais. In F. M. Dattilio & C. A. Padesky, *Terapia Cognitiva com Casais* (D. Batista, Trad.). (pp. 16-25) Porto Alegre: Artmed.
- Dattilio, F. M. & Padesky, C. A. (1995). Avaliação. In F. M. Dattilio & C. A. Padesky, *Terapia Cognitiva com Casais* (D. Batista, Trad.). (pp. 26-45). Porto Alegre: Artmed.
- Falcone, E. M. O. (2014). Terapia do Esquema. In W. V. Melo (Org.). *Estratégias psicoterápicas e a terceira onda em terapia cognitiva*. Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. [Versão Eletrônica]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 351-368.
- Flick, U. (2009). Dados Visuais: fotografia, filme e vídeo. In U. Flick, *Introdução à pesquisa qualitativa*. (E. J. Costa, Trad.). (pp. 219-229). Porto Alegre: Artmed.
- Gil, A. C. (2017). Como classificar as pesquisas. In A. C. Gil. *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6ª ed., pp. 41-58). São Paulo: Atlas.
- Gomes, R. F. (2015). Reflexões acerca da terapia do esquema. [Versão Eletrônica]. *Revista EFDeportes*, 20 (212), 1-1.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). Das informações às conclusões. In C. Laville & J. Dionne. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H.

- Monteiro & F. Settineri, Trads.). (pp. 197-236). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1997)
- Leahy, R. (2006). Terapia focada nos esquemas. In R. Leahy. *Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta* (M. A. V. Veronese & L. Araújo, Trads.). (pp. 240-282). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Lopes, R. F. F., Leite, D. T. & Prado, T. P. (2011). Proposta psicoeducativa para crianças baseada na terapia de esquemas. [Versão Eletrônica]. *Revista Brasileira de Terapia Cognitivo Comportamental*, 07(02), 46-60.
- Lopes, J. B. & Melo, W. V. (2014). A compreensão da repercussão dos esquemas iniciais desadaptativos, através da teoria dos esquemas, para otimização dos tratamentos de traumas [Versão Eletrônica]. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 02(01), 75-86.
- Martin, R. & Young, J. (2010). Schema therapy. In K. S. Robson. (Ed), *Handbook of cognitive-behavioral therapies* 3ªed. [Versão Eletrônica]. (pp. 317-346). London. UK/New York, NY, USA: Guilford Press.
- Nabinger, A. B. (2015). Psicoterapia e neurobiologia dos esquemas. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos & R. Andriola, (Orgs.). *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp. 27-37). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Paim, K., Madalena, M. & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. [Versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 08(1), p.31-39.
- Paim, K. (2016). A terapia do esquema para casais. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos & R. Andriola. (Orgs.). *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp. 205-220). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Roediger, E. & Stevens, B. A. (2016). *Breaking Negative Relationship Patterns: A Schema Therapy Self-Help and Support Book*. United States: Wiley-Blackwell.
- Sattler, M., Eschiletti, L. L., Bem, L. A. D., & Shaefer, M. (1999). O ciclo de vida do casal. [Versão Eletrônica]. *Pensando Famílias*, 1, 41-47.
- Silva, C. R., Gobbi, B. C. & Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. [Versão Eletrônica]. *Revista Lavras*, 07(01), 70-81.
- Simeone-DiFrancesco, C., Roediger, E. & Stevens, B. A. (2015). *Schema therapy with couples*. West Sussex: John Wiley & Sons.

- Scribel, M. C., Sana, M. R. & Benedetto, A. M. (2007). Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva (online)*, 03(03), 1-10.
- Teixeira, E. B. (2003). A análise de dados na pesquisa científica. Importância e desafios em estudos organizacionais. [Versão Eletrônica]. *Revista Desenvolvimento em Questão*, 01(02), 177-201.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Wainer, R. (2016). O Desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos & R. Andriola. (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp. 15-26). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Wainer, R. & Rijo, D. (2016). O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos & R. Andriola (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp. 47-66). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Young, J. E. (2003). *Terapia cognitiva para transtornos de personalidade: uma abordagem focada no esquema* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Editora Artmed. (Trabalho original publicado em 1999)
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). Terapia do esquema: modelo conceitual. In J. E. Young, J. S. Klosko & M. E. Weishaar (Auts.), *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras* (R. C. Costa, Trad.). (pp. 17-69). Porto Alegre: Editora Artmed. (Trabalho original publicado em 2003)
- Zucker, J.; Glotzer, L. & Gluck, W. (Produtores) & Gluck, W. (Diretor). (2011). *Amizade Colorida* [Filme]. Estados Unidos: Screen Gems.